

Stadium

Vitória Setubal-F. C. Porto

Com bastante oportunidade, desviou Baptista uma bola que ameaçava a sua rede. Catalino procura estorvar a acção do setubalense, mas sem êxito



N.º 221

26 DE FEVEREIRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

Os "leões" ultrapassaram nova dificuldade

O Benfica ainda não deve ter resolvido o seu problema — Jogar com 10 homens em campo adversário «pisa» um pouco — O Belenenses novamente em dia de acerto rematante — Boa vitória olhanense

Crónica de RODRIGUES TELES

Hoje não podem os leitores apreciar os comentários de Tavares da Silva, ausente por uns dias. Faremos entretanto o possível por acertar as agulhas neste lugar de seu suplente, transmitindo o melhor de uma opinião que procurará estar de acordo com as circunstâncias.

Dito isto, principiaremos por afirmar que esta 10.ª jornada não trouxe grandes alterações à classificação geral do campeonato. O Sporting aumentou a sua vantagem — mas estava previsto, a despeito do valor estorilense. O F. C. do Porto perdeu em Setúbal, mas o caso não surpreende. Apenas a vitória belenense, por expressiva, foga um tanto dos prognósticos gerais.

Vejam os resultados desde já, os resultados:

Estoril..... 2 — Sporting.... 4
Benfica..... 4 — Académica... 1
Vitória S... 4 — Porto..... 0
Vitória G... 1 — Belenenses... 4
Olhanense... 4 — Atlético..... 0
Sanjoanense 3 — Famalicão... 4
Boavista.... 4 — Elvas..... 1

Perderam 3 clubes no seu campo: — Estoril Praia, Vitória de Guimarães e Associação Desportiva Sanjoanense. Ganharam fora, portanto, dois clubes da Associação de Lisboa: — Sporting e Belenenses, e um da Associação de Braga: — F. C. de Famalicão.

A classificação, como já dissemos, não fornece margem para dizer que houve alterações profundas. Os 6 pontos de vantagem do Sporting são obstáculo sério para os restantes — agora por certo intransponível. Porto e Benfica estão de novo a par, o que já aconteceu várias vezes no decurso do campeonato. A subida do Olhanense merece anotação, assim como a diferença de pontos entre o último e o penúltimo.

Agora a classificação:

Sporting 10 jogos, 18 pontos; Porto 10 j., 12 p.; Benfica 10 j., 12 p.; Olhanense 10 j., 12 p.; Belenenses 10 j., 11 p.; Vitória de Setúbal 10 j., 11 p.; Académica 10 j., 11 p.; Estoril 10 j., 10 p.; Boavista 10 j., 9 p.; Vitória de Guimarães 10 j., 9 p.; Atlético 10 j., 9 p.; Elvas 10 j., 8 p.; Famalicão 10 j., 7 p.; Sanjoanense 10 jogos, 1 ponto.

O Campeonato continua domingo próximo. Dê-se a palavra ao calendário:

Vitória de Setúbal-Boavista, nos Arcos; S. L. Elvas-S. L. Benfica, no Estádio Municipal; Associação Académica-Estoril Praia, em Coimbra, campo do Lusitânia; Sporting-Vitória de Guimarães, no Lumiar A; Belenenses-Olhanense, nas Salésias; Atlético-Sanjoanense, na Tapadinha; F. C. do Porto-Famalicão, no Estádio do Lima.

No papel, a superioridade sportinguista continuará. E, daí para

baixo, não se descobrem alterações sensíveis. Mas o futebol dirá...

O Sporting resiste a «todos...»

O campo da Amoreira poderia pregar alguma «partida», no dizer geral dos que esperam a derrota sportinguista.

Mas ainda não foi desta vez. Os leões partiram para o Estoril moralizados, dispostos a não perder — e não perderam mesmo. Estão «todos» contra o Sporting, mas a «todos» resiste com galhardia.

Alinharam:

Estoril — Sebastião; Pereira e Elói; Oliveira, Nunes e Alberto; Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Lima.

Sporting — Azevedo; Cardoso e Manuel Marques; Canário, Barrosa e Veríssimo; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Árbitro — António Serrano, da A. F. Lisboa.

A equipa leonina principiou o jogo «ao ataque». E sabe-se que nenhum grupo ataca melhor em Portugal, no presente momento. Em 10 avançadas, o Sporting deixa sempre dentro da baliza a semente do seu labor, e isto é muito importante. E' tudo, no jogo.

No Estoril também aconteceu assim. O Sporting abriu o activo com um tento saído de pontapé de canto, para o qual Sebastião não foi hábil, e ainda após este lance de pouca sorte perderam os estorilistas oportunidades. O empate, porém, surgiu quando o Sporting alinhava 10 homens. Barrosa havia saído magoado, deixando a defesa desnivelada.

A sorte, já se sabe, favorece sempre os campeões. Atribuído da sua melhor classe? Pois claro que sim. O Sporting chegou ao intervalo a ganhar por 2-1, o que dá sempre margem a lições optimistas, e Jesus Correia, já marcador a um minuto da saída para o balneário, obteve um «goal» que eliminou com certeza as aspirações

do Estoril. Quando o médio Oliveira enfiou na própria rede o 4.º ponto leonino, — tudo estava esclarecido. Sucede muitas vezes assim se uma das equipas se mostra preocupada com a defesa.

O Estoril vendeu cara a derrota. A sua equipa, seja qual for a classificação na grande prova, fez já o suficiente para nos demonstrar que estava bem apetrechada. Perder com o Sporting, e por 4-2, não é hoje indicação de inferioridade. E sobre os campeões de Lisboa pouco mais pode afirmar-se. Seis pontos de vantagem... antes de chegarmos ao fim da 1.ª volta!

Os bons amadores do futebol talvez não gostem. Se calhar nem os próprios sportinguistas.

O Benfica fez experiências...

Por causa do mau resultado de 8 dias antes, o Benfica quis aproveitar o domingo para fazer experiências. A formação coimbrã deveria consentir-las. Assim, na linha avançada dos encarnados apareceram 3 homens pouco habituados a estes jogos: — Amorim, Claro e Melão. Vimos o encontro. E julgamos, salvo melhor opinião, que o Benfica não deve ter resolvido ainda o seu caso.

Os avançados, no trio central, continuaram a jogar no seu estilo habilidoso, mas ainda menos rematadores. Melão, actuando excessivamente recuado, fugindo sistematicamente ao embate, Júlio embrulhando-se momento a momento com a bola, e Vitor Baptista desalinhado em relação aos seus companheiros, deixaram os admiradores do Benfica pouco satisfeitos. Os extremos, por sua vez, e um não é efectivo, visto que tem Rogério na sua frente, também não mostraram grande capacidade rematante.

Para trás do ataque, pôde contar o Benfica com 3 excelentes médios. Impediram que os jeitosos avançados da Académica progredissem em direcção à baliza de Pinto Ma-

chado, e fizeram tudo para colocar a bola ao alcance do seu ataque. O Benfica dominou muito. Multíssimo. Mas os defesas da «briosa» jogaram em cheio, especialmente o guarda-redes Szabo, que progrediu muitíssimo.

Merecem aplausos, lá isso merecem, os rapazes de Coimbra, que estiveram bastantes minutos a ganhar por 1-0. Defenderam-se a certa altura com desespero, sempre com extraordinária energia, mas a falta de Bentes e de Eduardo Santos também distanciou o grupo do seu valor normal.

O resultado, embora o Benfica pudesse melhorar os números, corresponde à vantagem da sua linha avançada sobre os homens da defesa contrária. Repare-se que não dizemos: «vantagem de equipa para equipa».

Eis como alinharam:

Benfica — Pinto Machado, Félix e Fernandes; Jacinto, Moreira e Francisco Ferreira; Amorim, Melão, Júlio, Vitor Baptista e Claro.

Académica — José Szabo; António Maria e Mário Reis; Brás, Oliveira e Azeredo; Mical, Melo, Jorge Santos, Lomba e Garção.

Árbitro — José A. Pires, de Setúbal.

Domingo sim, domingo não...

E' agora o caso do F. C. do Porto. Mas em Setúbal, segundo alguns considerados críticos, grave erro do árbitro colocou a equipa visitante a jogar com 10 homens, quando apenas perdia por 1-0, e o facto não pode passar sem a merecida referência. É lamentável que clube e jogador ficassem sujeitos a decisão tão precipitada.

Fora da terra, e especialmente em Setúbal, não é fácil levar a cruz ao calvário. E se anda por cima da desvantagem do terreno vimos jogar 10 contra 11, tudo é fácil para uns e difícil para outros.

Além disso, que é importante, ao F. C. do Porto falta qualquer coisa. Nem tudo ali funciona bem. Gomes da Costa e Correia Dias voltaram a não estar presentes. Araújo, ainda segundo bons informadores, não cuida da sua preparação, e o mesmo acontece a Freitas, homem da reserva e também afastado por muito tempo da actividade.

O team ainda se mantém no segundo posto, novamente ao lado do Benfica, mas agora muito próximo de outros adversários que progredem com decisão. Ao contrário do que parece suceder ao F. C. do Porto, — team onde falta garra e unidade individual. Independentemente da expulsão forçada de Joaquim, com atenuantes no critério simplista do árbitro, pouco disposto a julgar cuidadosamente (é preciso pensar 3 vezes antes de mandar um homem para o balneário), e ainda considerando que os setubalenses não marcaram uma única bola a 10 homens, na segunda parte, temos de concordar que o resultado não categoriza uma equipa como a dos campeões do Norte.

O Vitória de Setúbal, valoroso dentro e fora da sua terra, ganhou bem o desafio. Aguerriado no ataque e na defesa, conseguiu aproveitar a melhor altura para fugir a surpresas e esteve no «seu dia». Se não fora a derrota sofrida nos



CHAPELARIA E CAMISARIA

Avenida Almirante Reis, 10-C.
Telefone 4 3482 — LISBOA

Stadium

Devido à falta de tintas para a impressão da nossa Revista, tem esta saído com atraso, o que ainda sucederá esta semana.

No próximo número contamos ter já regularizada a data da saída.

Arcoz perante o Famalicão—quem o havia de dizer! — marchava agora à frente de 12 equipas.

Os grupos:
Vitória—Baptista; Montês e Figueiredo; Armando, Pereira e Tomás; Campos, Nunes, Cardoso Pereira, Rendas e Passos.

F. C. do Porto—Barrigana; Alfredo e Guilhar; Joaquim, Romão e Carvalho; Lourenço, Araújo, Sanfins, Freitas e Catolino.

Árbitro—João Vaz, de Lisboa.

Em Olhão apenas se marcou na 2.ª parte

Um contraste: no campo dos Arcoz, em Setúbal, o vencedor marcou os 4 tentos da partida nos primeiros 45 minutos. No Estádio Padinha, no primeiro tempo não se marcaram «goals»; e os 4 da vitória olhanense apareceram no prosseguimento da partida...

Eis as equipas:
Olhanense—Abraão; Rodrigues e Loulé; João Santos, Grazina e Eminentio; J. Soares, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Moreira.

Alético—Correia; Baptista e Castro; Rosário, Lopes e Morais; Óscar, Armindo, Amaral, Rogério e Marques.

Árbitro—Henrique Rosa, de Setúbal.

A equipa lisboeta teve bom comportamento na primeira parte e suportou excelentemente uma série de cargas dos algarvios. A falta de remate olhanense talvez os afligisse demasiadamente, mas não deve negar-se que os visitantes também deram alguma feição de equilíbrio ao jogo nesta primeira fase. Já no segundo período não aconteceu assim. E de tal maneira que a defesa alcantarense viu-se em dificuldades sérias para não sofrer punição mais dura.

O Belenenses e o seu remate...

Remata ou não remata a equipa de Belém? Em dois jogos, pelo menos, o conjunto azul soube construir bons resultados—contra o Estoril, que está dando boas provas, e contra o Vitória de Guimarães, team capaz de vencer os melhores. E a menos que os vimaranenses denunciem abaixamento de forma, torna-se evidente a melhoria dos campeonatos nacionais de 1946.

Neste jogo do campo da Aurora, os lisboetas talvez tivessem sorte por marcarem o primeiro e único «goal» da 1.ª parte a 1 minuto do intervalo, após os visitantes perderem muitos lances. Depois, a despeito de novas tentativas vimaranenses, falhadas devido à imposição dos bons defesas de Belém—apareceu segundo ponto,

golpe fatal nas aspirações do Vitória. Os campeões do Minho ainda obtiveram um «goal» que poderia modificar a solução do encontro, mas dos 85 minutos em diante a ascendência dos azuis tornou-se notável e produtiva com dois remates certos de Teixeira da Silva—que no campo do Vitória esteve inspirado.

Como alinharam:
Vitória (G)—Machado; Curado e João; José Maria, Ferreira e Luciano; Franklim, Miguel, Brioso, Teixeira e Alcino.

Belenenses—Capela; Vasco e Feliciano; Amaro, Gomes e Serafim; Mário Coelho, Armando, Teixeira da Silva, Martinho e Rafael.

Árbitro—Vale Ramos, do Porto.

A 2.ª parte do Boavista

Verifica-se sem esforço que os grupos classificados depois do Sporting perdem domingo sim, domingo não. Exemplo:—A Académica, Porto, Elvas e Atlético ganharam na penúltima jornada e perderam no domingo; Benfica, Boavista e Vitória de Setúbal perderam primeiro e ganharam depois... Irregularidade ou influência de jogar em casa? Estamos abertamente com a segunda hipótese, embora o Sporting, Belenenses e Famalicão tivessem ganho em campo adversário.

Mas vamos ao comentário. No jogo do Lima, os elvenses conseguiram marcar na 1.ª parte, sem resposta dos portuenses. Estes mereciam outro resultado. O conjunto do Bessa, entretanto, organizou a máquina para o resto da partida e as suas 4 bolas dão seguras indicações de superioridade.

As equipas:
Boavista—Mota; Pereira e Silva; Chaves, Raimundo e Ramos; Caiado 3.º, Armando, Caiado 2.º, Caiado 1.º e Barros.

S. L. Elvas—Semedo; Henrique e Oliveira; Rebelo, Neves e Toninho; Virgílio, Massano, Patolino, Aleixo e Rosário.

Árbitro—Adriano Gonçalves, de Coimbra.

A Sanjoanense ainda não ganhou deste vez

Teria o campeão de Aveiro perdido a melhor oportunidade de ganhar neste campeonato? O Famalicão, que estava mais próximo do último, foi ameaçado durante largo tempo com a derrota—mas acabou por obter os almejados 2 pontos.

A equipa de S. João da Madeira fez no entanto o possível por vencer e a crítica considera o seu trabalho em nível superior ao dos minhos. Estes, porém, acusaram mais «fundo» e por isso ganharam, certamente.

Espera-se agora por outros jogos, que levem um pouco de esperança ao esforço do team aveirense. Quem sabe se um dos grandes lá vai tropeçar? Sabe-se lá...

Os dois adversários:
Sanjoanense—Barbosa; Joaquim e Costa Leite; Santos, Quintino e Silva; Parda, Azevedo, Gonçalves, José Alves e David.

Famalicão—Sansão; Armando e Cerqueira; Júlio Costa, Szabo e Ferrão; Mendes, Pires, Alvaro Pereira, Telecheia e Sampaio.

Árbitro—Avelino Ribeiro, do Porto.

Segunda Divisão

A jornada do último domingo decorreu com animação em vários campos. E deu-se uma surpresa de vulto, em Chaves:—a derrota do Sport Clube de Vila Real, campeão transmontano, frente ao Flávia. Mais uma amostra da desvantagem de jogar «fora de casa».

Os resultados gerais da jornada.

Grupo A—1.ª série:—Flaviense-Sp. Lamego (*); Celoricense-Mirandela, 3-1; Flávia-Vila Real, 3-2.

2.ª série:—Vianense-Monção, 4-0; Leça-U. Paredes, 11-1; Leixões-Ramalense, 5-1.

3.ª série:—Avintes-Sporting de Fafe, 1-4; Salgueiros-Aves, 8-0; Gola-Oliveira Douro, 7-2.

4.ª série:—Ermezzinde-Candil, 5-2; Infesta-Sp. Braga, 2-5; Gil Vicente-Académico, 0-6.

Grupo B—5.ª série:—Beira Mar-Sp. Espinho, 4-2; Acad. Viseu-Ovarense, 1-1; S. L. Viseu-Conimbricense, 1-2.

6.ª série:—Anadia-União Lamas, 0-2; Oliveirense-Naval, 1-1; União Coimbra-Marialvas, 9-2.

7.ª série:—Ferroviários-Marinense, 6-2; União Operária-Oriental, 1-7; Alcobaca-Leões Senterém (*).

8.ª série:—Nazarenos-Sacavenense, 0-1; Matreia-Alhandra, 6-1; Operário V. F.-Bombaralense, 8-0.

Grupo C—9.ª série:—Torriense-Rossense (*); Águias V. F.-Casa Pia A. C., 1-4.

10.ª série:—Seixal-União Montijo, 3-4; Futebol Benfica-Operário, 3-0.

11.ª série:—Almada-Arroios, 7-3; União-Sesimbra-Cal de Lisboa, 3-5.

12.ª série:—União Montemor-Palmense, 2-2; Aldegalense-Lusitano Évora, 4-2; Luso Barreiro-Barreirense, 3-6.

Grupo D—13.ª série:—Sp. Covilhã-S. L. Castelo Branco, 4-1; Gouveenses-Covilhanenses, 2-3.

14.ª série:—Juventude-Sp. Elvense, 0-1; Campomaiorense-Portalegrense, 1-4.

15.ª série:—Moura-A. Regaengos, 0-1; Cal do Barreiro-União Beja, 8-0; Luso Beja-Plença (*).

16.ª série:—Boa Esperança—Esp. de Faro, 2-4; Lusitano-Portimonense, 2-0.

(*) Adições por causa do mau tempo.

Estamos em plena segunda volta. Já se disse em cima que o resultado obtido pelos flavienses causou surpresa, de mais a mais recordando-se que na primeira volta os vencidos de domingo ganharam por 7-1.

Na zona portuense, o Leça conseguiu excelente resultado sobre o Paredes, confirmando bem a vitória da 1.ª volta. O mesmo aconteceu no encontro Leixões-Ramalense (5-1 e 5-0). Surpreende ainda:—que o Salgueiros, perdendo primeiro nos Aves, ganhasse agora por 8-0; e que o Avintes, recente vencedor do Salgueiros, perdesse por 4-1 com o Fafe, no seu campo. O Académico continua com boa marcha. Venceu em Barcelos por 6-0.

No sector do Centro, o Beira

Mar domina o Espinho e o Oliveirense não foi além de um empate contra a Naval—a quem havia ganho da primeira vez por 8-0. O campeão de Coimbra segue igualmente bem colocado.

Por Lisboa e sul: O Futebol Benfica ganhou normalmente ao Operário. O Arroios perdeu novamente, agora com equipa da A. F. de Seidbal—o vizinho Almada. Depois—tudo vitórias lisboetas: Oriental, «Cof», Casa Pia e Sacavenense. O Montijo passou no Seixal—é bom; o Barreirense ganhou ao Luso no seu campo—não é mau; o Portalegrense derrotou o Campo Maior em sua casa—é excelente; e as vitórias do Lusitano e Desportivo de Faro na 16.ª série—são normais.

E passaremos a contar, mais uma ou duas semanas, com vencedores indiscutíveis de série.

JUNIORES DA A. F. L.

MAIS UMA JORNADA SEM INTERESSE

O 11.º Campeonato de Juniores da A. F. L. teve no domingo a sua 13.ª jornada, sem que se modificasse o «panorama» do declinar da primeira fase do torneio. Tal como acontecera oito dias antes, o programa não pôde ser cumprido integralmente. O mau tempo impediu a efectivação dum jogo e o desinteresse dum equipa, que desistiu—o Estoril B—mais reduziu, avolumou a impressão de que a prova se arrasta.

A ideia dominante das primeiras jornadas, de que haveria equilíbrio de valores e de que o apuramento dos finalistas seria um acaso sério, desapareceu a meio da fase preliminar do torneio e agora—pode dizer-se—todos anseiam pela final. É certo que só duas séries têm vencedor apurado, mas isso não impede que se conheçam já os clubes que vão continuar a disputar a prova. São eles: Sporting, Palmense, Benfica, Oriental, Belenenses, C. U. F., Atlético e Cascais.

Os sete encontros disputados só forneceram—a bem dizer—uma surpresa: a vitória do Cascais sobre o Atlético. Embora se considerasse algo difícil a tarefa dos alcantarenses em Cascais, não se previa que os cascaenses fossem capazes de ganhar. Mas a vitória foi regular: um golo na baliza contrária e defesa porfiada de preciosa vantagem.

O Sporting A venceu o F. Benfica... mas não convenceu, porque os avançados não evidenciaram a ligação necessária. O Benfica B dominou intensamente o Mirantense, podendo dizer-se o mesmo do Oriental A, em frente do Arroios.

O empate entre Sporting B e o Desportivo Operário constituiu resultado justo, mas a igualdade que o Sacavenense impôs ao Oriental B é lisonjeira para aqueles. A equipa A dos Belenenses ganhou bem à C. U. F.

D. D.

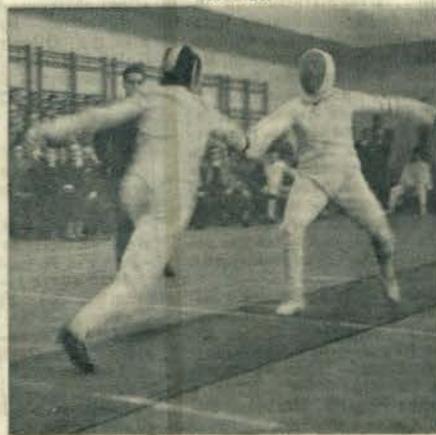
A ESRIMA PORTUGUESA obteve excelente vitória



Uma fase animada do encontro de florete entre Albornoz e Henrique da Silveira



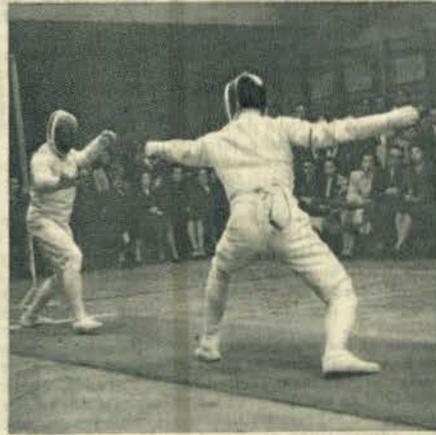
Gouveia Franco e o espanhol Pomez, durante a sua partida



Em sabre, Gouveia Pessanha e Perales mos'ram-se decididos



Outra fase do combate de sabre agora entre Andrade Silva e Perales



Silveira e Sobejano, num assalto de florete



O major Jorge Oom e Sobejano durante o seu combate

ALGUMAS IMAGENS DO ENCONTRO DE ESRIMA LUSO-ESPAHOLA QUE SE CONCLUIU COM A NOSSA VITÓRIA

Na coluna da esquerda, de alto a baixo: N.º 1 — As entidades oficiais que assistiram ao encontro. N.º 2 — As equipas portuguesa e espanhola de florete. N.º 3 — Os representantes de Portugal e Espanha no sabre. N.º 4 — O conjunto espadista português que obteve uma excelente vitória. N.º 5 — A equipa representativa dos nossos vizinhos no encontro luso-português.



Em frente das redes de Sebastião regista-se uma fase de ataque. Veêm-se os «internacionais» Jesus Correia, Peyroteo e Caiado



Fernando Peyroteo contorce-se, para não magoar o guarda-res. Eloi está de sentinela



Eis a atitude decidida de um jogador do Estoril, mas Travessos já havia feito o passe!



Peyroteo lula e consegue vencer. Se o lance foi, ou não, perigoso, dá-lo a circunstância do guarda-redes estar no chão...

PORTUGAL-FRANÇA

Precisamos de vencer também lá fora!

A selecção portuguesa de futebol está novamente lançada, com vista à terceira prova desta época, o Portugal-França, no dia 23 de Março, em Colombes, na capital francesa. Os treinos recommençaram na passada quinta-feira e prosseguirão até o dia do exame.

Sem dúvida alguma, o comportamento da equipa nacional merece a nota de brilhante. Para não ir mais longe, os dois *matches* de Janeiro significam alguma coisa. Contra a Suíça, num dia em que todas as condições nos eram adversas, não perdemos; e contra a Espanha, vencemos pela primeira vez, num triunfo que não deu margem à mais ligeira dúvida.

Está provada, portanto, a capacidade do *team*. Mas uma coisa é jogar em casa e outra no estrangeiro! Na tradição portuguesa, sempre fizemos figura em casa (as excepções confirmam a regra), e sempre nos diminuimos nas deslocações. Significa isto que o futebol português precisa, na sua projecção internacional, para se afirmar de modo iniludível, do indispensável complemento: — vencer no estrangeiro... E a dois jogos em casa seguem-se dois desafios fora.

Se não é impossível vencer em Paris, é, pelo menos, muito difícil. Só uma preparação intensa (estamos a fazê-lo), a boa-vontade e a aplicação dos jogadores, o concurso da Imprensa e o auxílio de todos os adeptos conseguirão atingir o alvo.

E não é preciso invocar quaisquer outras razões para se ver a dificuldade. Basta afirmar que o *team* da França comportou-se no Estádio Nacional, perdendo pela mínima diferença, como obstáculo sério e como adversário valoroso. De que será capaz esta selecção, no seu ambiente e no carinho e vibração dos aplausos dos seus compatriotas?

Não é certamente difícil a resposta... Devemos, mesmo, acrescentar que, de todos os Grupos que nos visitaram nos últimos tempos, ou que vimos lá fora, o da França deixou-nos a impressão de melhor organizado, de grande valor, de solidez, e de ter conjunto, não deixando de ter excelentes jogadores. A sorte do jogo não os acompanhou no Jamor, mas a sorte é caprichosa... Quem sabe se ela não continuará enamorada das cores portuguesas!

Importa, no entanto, correr o risco de Paris, pondo do nosso lado todos os trunfos que seja possível. Se assim fizermos — temos probabilidades. Ainda ficaremos com a consciência tranquila, em hipótese de adversidade.

O *team* nacional realizou, nesta sua fase, o primeiro treino, contra o Estoril Praia, que alinhou completo. E' dessa sessão que damos algumas curiosas imagens. Formaram: Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Jesus Correia, Caiado, Peyroteo, Travessos e Albano.

Não compareceram dois jogadores: Bentes, a contas com uma distensão, o qual tem alinhado nos últimos jogos do Campeonato Nacional já com espírito de sacrifício; e Araújo, alegando doença.

Tavares da Silva

(Continua na página 16)

Aspectos do ciclismo em Portugal e no estrangeiro

A um mês da abertura oficial da época

Estamos a menos de um mês do começo da época de ciclismo — em Portugal e nos restantes países da Europa.

O calendário da União Ciclista Internacional foi já tornado público e engloba, entre outras grandes competições, cinco «voltas»: à Espanha (12 de Maio a 5 de Junho), à Itália (20 de Maio a 15 de Junho), ao Luxemburgo (1 a 8 de Junho), à França (25 Junho a 20 de Julho) e à Suíça (16 a 23 de Agosto).

Haverá, em Paris, os Campeonatos do Mundo, os segundos disputados depois da guerra, e a temporada internacional principiará com a corrida Milão-Turin (8 de Março). Dez dias depois realizarse-á o Milão-S. Remo. A época internacional estará, desde logo, «au point», sucedendo-se as provas até 26 de Outubro (Volta de Lombardia).

Enquanto a época de estrada não tem início efectuam-se constantemente competições de pista e de «cross», nas quais intervêm os mais famosos ciclistas europeus: desde o italiano Fausto Coppi aos modestos corredores franceses, italianos, suíços e belgas.

Em Portugal, infelizmente, nada se faz. Pistas — não temos. As dificuldades de material, ainda caro, impedem a realização de provas de «corte-moto». De modo que o nosso ciclismo, no período de 16 de Novembro a 15 de Março, vive exclusivamente — dos «boots» e das «lutas» para a formação



JOÃO LOURENÇO

das equipas e para os cargos directivos...

A F. P. C. cumpriu já a sua obrigação, fixando as datas das suas competições:

11 de Maio — campeonatos nacionais de fundo (juniores e seniores).

18 de Maio — Campeonatos nacionais de fundo (Independentes).

8 de Junho — campeonatos nacionais de velocidade.

20 de Julho — Porto-Lisboa. A Federação volta a marcar o

Porto-Lisboa. Há uma sugestão portuguesa para se efectuar o Lisboa-Porto. Duvidamos das possibilidades de se realizar uma e outra prova... Oxalá nos enganemos.

As Associações do Porto e do Sul vão agora apresentar os seus calendários, de modo que a F. P. C. possa levar à Direcção Geral o calendário geral da época.

Sob o ponto de vista Internacional, a temporada deve ser fraca. Não há convite para a «Volta à Espanha». E, na situação actual do ciclismo português, são escassas as possibilidades de ida aos campeonatos do Mundo.

Por agora, e internamente, não se fala em competições particulares. Todavia, admite-se nos meios velocipedicos a organização da «Volta a Portugal»... Se ela não se fizer — mal irá ao ciclismo português...

Sabemos, porém, que a nova direcção da F. P. C., a que preside o nosso prezado amigo Dr. Manuel de Carvalho — um adepto do ciclismo conquistado pela «Volta a Portugal» — está empenhada em dar novos rumos ao ciclismo nacional. É possível que alguma coisa ela consiga fazer. Mas, antes de mais nada, torna-se imprescindível que apareçam novos clubes a praticar ciclismo, que se mantenha a emulação Norte-Sul e que o Benfica regresses à categoria de Independentes. E o regresso do Benfica apresenta-se difícil, se é que não está já posto de bande. Onofre Tavares viu o seu pedido de transferência indeferido, o Sporting faz questão da transferência de Rebelo e Mourão, as negociações acerca de José Martins não tomam o caminho mais desejado. Praticamente, o Benfica só podia dispor de Império dos Santos. É pouco.

Afastado do ciclismo de competição o Desportivo da «Iluminante», a categoria de independentes fica limitada em Lisboa — ao Sporting, ao Lisgás e ao Sengalhos. E como a supremacia dos «leões» parece firme e absoluta — o interesse pelas corridas pode ser prejudicado por essa circunstância.

As perspectivas não são muito animadoras. No entanto, a F. P. C. e as Associações, se puderem organizar muitas provas — e isso é, principalmente, uma questão de recursos materiais e de vasto trabalho — salvarão a época. Lembremos, a propósito, à Associação do Sul, a conveniência de retomar a realização da «Volta a Lisboa» nos moldes habituais.

Na A. C. S. foram recebidos ainda poucos pedidos de licença. Tal como tem sucedido nas épocas transactas, João Lourenço, do Sporting, foi o primeiro a requisitar licença. Os «leões» contam com o francês Custódio dos Reis, tendo já solicitado, por intermédio da F. P. C., a necessária autorização da D. G. D. Vem a propósito dizer que os mar-



CUSTÓDIO DOS REIS

roquinos Driss e Djillal estão dispostos a fazer a época em França.

No campo directivo assinalemos a celebração recente dos congressos da U. C. I. e da F. P. C.

O primeiro tomou importantes decisões de ordem técnica e elegeu novos corpos gerentes. O presidente da U. C. I. é agora o Sr. Jolnard, antigo presidente da Federação Francesa, tendo sido «cortado» da lista o antigo secretário geral e fundador da União, Sr. Victor Breyer, representante da França, que foi substituído pelo seu compatriota Chesal. O «corte» obedeceu ao que um jornalista francês designou por «manobra de corredor»...

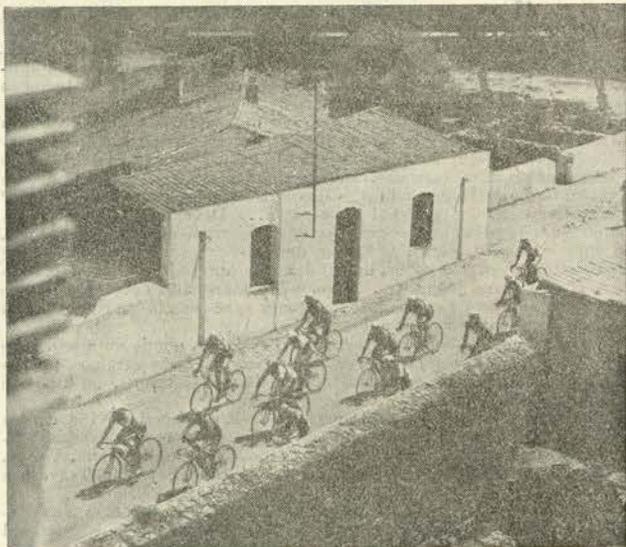
Também em Portugal chegou a esboçar-se manobra idêntica para afastar o antigo secretário geral da F. P. C. As coisas, porém, arrumaram-se como era necessário. Antero Ventura ficou. A «manobra» teve resultados opostos, com a chamada do antigo dirigente Victor lamos em substituição do elemento que mais trabalhara para o afastamento incompreensível do secretário geral da Federação.

De resto, como princípio, e sem cuidar de nomes, não é lógica a presença nos corpos gerentes da F. P. C. de pessoas estreitamente ligadas aos clubes praticantes da modalidade.

Dois factos queremos salientar: No congresso da U. C. I. foi homologado, por grande maioria, o discutido recorde de Fausto Coppi (45.840 quilómetros em uma hora), apesar da reclamação do antigo detentor Maurício Archambaud.

No congresso da F. P. C. não se deu um passo para a revisão dos regulamentos, apesar de muito se ter dito anteriormente, em determinados sectores, acerca da necessidade da revisão. Chegou até a formar-se (a auto-formar-se, digamos) uma grande comissão, da qual fazem parte técnicos do Norte. Por isso se previa que o delegado da A. C. N. levantasse o caso no congresso da Federação. Não o fez. E a época vai começar com tudo no mesmo pé...

De quem é a culpa? Agora, exclusivamente, das pessoas que apontando deficiências — e há a nos que o vêm fazendo... — não deram o passo indispensável para as remediar. Esse «passo» era a nomeação de uma comissão ou a oficialização da que se constituiu por... geração espontânea.



Uma fase da última Volta a Portugal em bicicleta. O pelotão segue ainda por terras algarvias — mas regressa de Faro em direcção a Castro Verde



Szabo está fora da baliza. Vítor Baptista ameaça as redes académicas, mas do lance não saiu qualquer dos tentos benfiquistas



O guarda-rede académico Szabo defende uma bola alta, ajudado por António Maria e Braz. O Benfica não o deixou descansar



O jogo esteve quase sempre sobre a baliza dos conimbricenses. Eis uma nova demonstração



Em posição difícel, Szabo tira uma bola da cabeça de jato. Bonito golpe!

O BENFICA Não esteve em perigo



Ao guarda-rede escolar se devem muitas fases emocionantes deste jogo. Szabo atirou-se a bolas que pareciam inevitáveis, frustrando muitos intentos da equipa encarnada. Mas uma vez se verificou assim...

Este torneio luso-espanhol de esgrima rodeou-se de facto de interesse extraordinário. Serviu ele especialmente para permitir que, após 39 anos, os esgrimistas das duas nações voltassem a cruzar os ferros, reatando um contacto, sempre vantajoso, entre os desportistas dos dois países peninsulares. Além disso — idéias sobre o Campeonato do Mundo — era o momento oportuno de se poderem observar as nossas possibilidades actuais, apreciando as naturais diferenças entre o comportamento do esgrimista no decorrer dos torneios nacionais e perante a responsabilidade de uma competição internacional. O mesmo interesse estava do lado dos esgrimistas espanhóis, que de momento se preparam com afinco para as provas do Campeonato do Mundo. Daí a importância com que as duas Federações encararam este torneio.

O magnífico Ginásio do Instituto Superior Técnico teve a emoldurá-lo o desportivismo dos esgrimistas, a presença das entidades oficiais e o entusiasmo do numeroso público que assistiu às três «poules».

Da forma como as provas decorreram, do que pôde ser apreciado tecnicamente, devem estar satisfeitos os dirigentes da esgrima de Portugal e Espanha. E é evidente que as duas nações podem confiar no futuro da modalidade. Com equipas constituídas à base de novos, os seleccionados das duas Federações tiveram comportamento brilhante. As duas vitórias de Portugal — admiráveis e justíssimas — opôs-se a dos espanhóis — com brilho — em sabre.

A prova de florete — excelente vitória dos portugueses

O primeiro encontro entre esgrimistas de Portugal e Espanha foi em florete. A confiança depositada nos nossos floretistas foi, no princípio da «poule», levemente traída. Aos enérgicos ataques desenvolvidos pelos espanhóis fracamente iam respondendo os portugueses, movendo-se com lentidão e permitindo que os espanhóis somassem cinco vitórias de vantagem. E se não fosse a bellissima presença de Henrique da Silveira e de Carlos e Edmundo Franco, poder-se-ia supor que a recuperação não surgiria. Mas a segunda parte da «poule» foi brilhante pela recuperação dos esgrimistas portugueses. Os espanhóis, talvez ajudados pelo entusiasmo com que de princípio iam conquistando as vitórias, tiveram lances de boa classe, como alguns de Pomez e Sobejano, que deve conquistar futuro brilhante na esgrima espanhola. Disso deu provas.

Silveira e Gouveia Franco conquistaram 3 vitórias e duas derrotas, Edmundo Franco 2 vitórias e 2 derrotas e Arménio Lopes 3 derrotas e 1 vitória. Portugal — 9-7.

Os espanhóis ganharam no sabre

A única vitória dos esgrimistas espanhóis foi, apesar de tudo, indiscutível e muito boa. A equipa espanhola, impondo a técnica que está na índole desta arma, foi desde o princípio da «poule» mais forte. De uma maneira geral, de-

TORNEIO LUSO-ESPAANHOL DE ESGRIMA

Vitória brilhante dos portugueses em florete e espada

Os espanhóis ganharam o sabre

monstraram ser rápidos e seguros, bons na guarda e decididos na resposta. Os portugueses revelaram menos possibilidades, mas deixaram transparecer claramente que estão em bom caminho de preparação. De todos os da nossa equipa o tenente Cavaleiro foi o que nos pareceu com bellissimas condições para esta arma. Dispondo de energia e demonstrando firmeza e ginástica de pernas, deve poder conquistar um lugar distinto como «sabrista». E, pelas condições reveladas, surpreendeu-nos a sua conta final: 3 derrotas e 1 vitória. Gouveia Pessanha foi o que esteve na «poule» com mais regularidade e melhor técnica.

Ao fim e ao cabo, porém, boa e merecida vitória dos espanhóis. Incontestavelmente Diego Lopez foi dos espanhóis o mais brilhante. Depois Perales. Lopez, 4 vitórias, Perales, Ferrer e Poig, 2 vitórias e 2 derrotas cada. Gouveia Pessanha, 3 vitórias e 1 derrota, Costa Freitas, Andrade e Silva e Cavaleiro, 1 vitória e 3 derrotas cada. Espanha, 10 — Portugal, 6.

À espada — brillantíssima vitória dos portugueses

Ainda não está perdida a grande categoria dos esgrimistas portugueses nesta arma. Não só a vitória magnífica que conquistaram como a forma como a obtiveram aparecem a justificar o triunfo. Foi a técnica, o à vontade, a propriedade com que os portugueses empunharam as suas espadas que prevaleceu no decorrer de todos os assaltos. Portugueses e espanhóis entregaram-se na disputa da «poule» com grande entusiasmo. Os nossos a desejarem mais uma vez justificar a fama que lhes pertence de admiráveis espadistas, os espanhóis — simpática e desportivamente — a demonstrarem que enfrentavam essa fama com energia e decisão. E a «poule», se valeu ser apreciada pelo gozijo da vitória que os esgrimistas portugueses conquistaram, mereceu muito mais pela exibição surpreendente de Henrique da Silveira e Jorge Oom. O primeiro mostrando-nos a sua maravilhosa classe, o segundo, sendo também dos antigos, premiando-nos com a sua bela categoria de espadista ainda com lugar reservado nesta arma. A categoria da «espada» portuguesa esteve a grande altura no decorrer de toda a «poule».

Nos espanhóis, Garcia Nieto foi o melhor, mesmo pondo de lado as suas duas vitórias, mas porque demonstrou características que o poderão vir a salientar nesta arma.

Por tudo esta «poule» corouo brilhantemente o torneio luso-espanhol. Esgrimistas portugueses e espanhóis voltaram a cruzar o ferro com valentia e desportivismo absoluto, honrando sobremaneira o nobre e digno desporto que é a esgrima.

Henrique da Silveira, 4 vitórias; Jorge Oom e Emilio Lino, 3 vitórias e 2 derrotas; Carlos Dias, 1 vitória e 3 derrotas.

Portugal, 11 — Espanha, 4.

As arbitragens

De todas as arbitragens uma houve que registou um senão: a do espanhol D. Vicente Alexandre. Pena foi que assim succedesse, permitindo que quando tomou a direcção das «poules» o ambiente se turvasse um pouco. Não foi seguro em muitas das suas decisões e até por vezes os mais leigos na matéria souberam ver a sua insegurança. Sobre tudo na prova de florete...

De todos, porém, Avelar Machado foi magnífico, criterioso, imparcial e justo, sabendo julgar com visão inteligente e profunda nos mais pequenos pormenores. Um modelo de arbitragem com grande categoria internacional, por certo.

O capitão Pereira de Castro demonstrou sempre bom critério, visionando com segurança a razão das suas decisões.

Opiniões diversas sobre o encontro

O que disse Avelar Machado

Terminada a «poule» de espada, por entre o ambiente de grande entusiasmo que pairou em todo o vasto recinto do Ginásio do Técnico, procurámos arquivar algumas opiniões de figuras directamente ligadas a este belo e oportuno torneio luso-espanhol de esgrima.

Abordámos primeiramente Avelar Machado, presidente do júri, cujo nome fica ligado de forma brilhante a este torneio.

— A vitória em florete — diz-nos — foi justa, observando a forma como a nossa equipa se reabilitou, numa altura dos resultados desfavoráveis que experimentou, ao entrar na segunda parte do encontro, e que se basearam um tanto nos lapsos de interpretação da matéria regulamentar da arbitragem.

«A vitória dos espanhóis em sabre foi justíssima. Trata-se de facto de um conjunto de atiradores que estão sensivelmente mais bem preparados.»

«Em espada não há a dizer senão que a nossa equipa esteve à altura do que pode — apesar de Carlos Dias haver estado distante do seu nível habitual.»

O parecer de Henrique da Silveira

Henrique da Silveira, uma figura distinta na esgrima nacional, dá-nos, amavelmente, a sua opinião:

— O torneio constituiu uma im-

portante propaganda de esgrima e um precioso meio de confraternização com os nossos camaradas espanhóis, que jogaram muitíssimo bem. Faço votos para que estes encontros se repitam para bem dos nossos esgrimistas e para continuidade das tradições da esgrima portuguesa.

O entusiasmo do presidente e do secretário da Federação Espanhola

D. Carlos Revenga, presidente da Federação Espanhola de Esgrima, confessa-se entusiasmado com o acolhimento dispensado aos esgrimistas espanhóis e declarou:

— Não viemos com aspirações sobre o resultado técnico deste torneio. Mais do que isso nos interessa retomar contacto com os belos esgrimistas portugueses. Regressamos satisfeitos com os resultados obtidos.

D. Eusébio Perez-Fuster, secretário geral da Federação Espanhola, apoia as palavras do seu presidente e diz-nos:

— Este encontro representa os dois anos de trabalho pela recuperação da esgrima espanhola. Agradou-nos este torneio, tecnicamente e pelo espírito desportivo que sempre o animou.

O sr. capitão Campos Andrada gostou dos nossos espadistas

Uma opinião de indiscutível autoridade, a do mestre de armas, capitão Campos Andrada:

— A nossa vitória em espada, especialmente, marcou a nossa técnica e o nosso interesse por esta arma. No florete vencemos muito bem e no sabre precisamos de mais trabalho. Mas no conjunto este torneio foi um excelente treino. Os espanhóis acusam boa preparação.

— O «sabre» espanhol foi melhor, disse-nos o sr. tenente Cavaleiro

Um esgrimista, da equipa de sabre, o tenente Cavaleiro:

— Notei que os nossos adversários no sabre estão mais bem preparados, valorizando essa actividade com a presença de gente nova, que deu provas magníficas. No entanto, nós continuamos a nossa preparação, intensa e entusiástica, nesta arma.

Fernando Sá

Assinem a STADIUM

Ano V — II Série — N.º 221
Lisboa, 26 de fevereiro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Teresa Cidália João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Stadium

A equipa espanhola prepara-se! Irlanda à vista...



Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

4 assuntos

A selecção da Europa

Os seleccionadores do Grupo da Europa continental reunir-se-ão, em Paris, no dia 24 de Março, para designar os quinze jogadores que representarão o Continente. Nessa data estarão também em Paris os representantes das Federações Britânicas.

Como se sabe, a Federação Portuguesa indicou como candidatos o guarda-redes Azevedo e o extremo Rogério. Jogando Portugal a 23 de Março, esses jogadores prestarão provas perante os 5 Seleccionadores, e oxalá que passem no exame. Seria um título de orgulho para o futebol português ver escolhidos definitivamente os seus candidatos.

Todos os países responderam à consulta da Federação Internacional, excepto a Rússia e a Iugoslávia.

Calcula-se uma assistência de cerca de 135.000 pessoas, no dia 10 de Maio em Glasgow. A escolha do treinador recaiu no suíço K. Rapan, que em Janeiro visitou o nosso país com a equipa helvética. O árbitro e juizes de linha serão britânicos.

As arbitragens no Campeonato Mundial

Um dos mais categorizados jornalistas franceses, Maurice Pefferkorn, lembra a necessidade de tratar convenientemente do problema da arbitragem no Campeonato do Mundo, de forma a estudar-se um plano de organização com o fim de obter a indispensável unidade de vistas.

Acrescenta Pefferkorn: «A Internacional não devia contentar-se em dar um organismo teórico das Leis do Jogo. Devia também assegurar-se da sua exacta aplicação no domínio internacional».

Parece-nos louvável a ideia. As Regras são as mesmas para

UMA ANEDOTA

O número um dos «Ases do Desporto», interessante publicação, é dedicado ao jogador da Académica de Coimbra, António Bentes. A biografia do já célebre jogador acaba do seguinte modo:

«Quando lhe perguntámos, para terminar, qual o grupo português que mais admirava, responde (é Bentes, claro, quem responde), sem hesitar:

- A Académica.
- E depois?
- As reservas do Académico.
- E depois?
- Os juniores da Académica...»

todos os países, mas em cada nação os árbitros interpretam-na da sua forma. E a influência da arbitragem é enorme. Por vezes decisiva!

O S. Lourenço no Rio

Em 1940, na última vez, segundo julgamos, que o S. Lourenço de Almagro jogou com o Vasco da Gama, clube de alicerces portugueses, no Rio de Janeiro, venceu o primeiro desafio por 1-0 e perdeu o segundo por 1-0. No fim e ao cabo, um verdadeiro empate!

Tal como o argentino, o futebol brasileiro tem grande classe, sendo de uma técnica individual perfeita. Os dirigentes e jogadores argentinos teceram em conversa connosco, os maiores louvores ao futebol brasileiro. Justifica-se inteiramente a sua opinião.

Sobre a Selecção Nacional

Quando o nosso camarada Tavares da Silva afirmou, a propósito do match com o S. Lourenço de Almagro, que o team nacional devia ser resguardado de aventuras, queria dizer:

1.º — Que as selecções nacionais só devem defrontar selecções nacionais;

2.º — Que a vitória sobre a Espanha tinha um sabor que devia prolongar-se um pouco mais...

Há pessoas, raras, é certo, que não compreenderam o acerto que isto representa e que não estão de acordo. A prova de que o Grupo não se guardará numa redoma está em que jogará brevemente contra a França, e depois contra a Irlanda, e ainda contra a Inglaterra...

Mas é uma coisa muito diferente de o apresentar contra teams de clube. Nesta última hipótese há tudo a perder e nada a ganhar. Uma selecção que vença um clube nada acrescenta ao seu historial, e a derrota tem, pelo contrário, consequências desagradáveis.

Quando se diz que os encontros com equipas estrangeiras de real merecimento são benéficas e úteis, afirma-se uma verdade. Mas para isso não é necessário sujeitar a Selecção a desaires.

De resto, tudo se conjugou para o funesto desfecho: 1.º, não-utilização do processo adequado ao futebol argentino; 2.º, uma semana de festas e jantares resultantes do Portugal-Espanha; 3.º, três desafios em vinte dias, sendo um deles de arrasar músculos e nervos, para e perante algum tempo.

CORRE QUE...

Tavares da Silva vai seleccionar e orientar a preparação de um Grupo de Juniores português, com vista à sua possível participação num Torneio Internacional, que se disputará em Londres. Como treinadores, em Lisboa: Augusto Silva e o inglês Trim.

Augusto Silva deixará em Junho de treinar o Belenenses, e deixará talvez de treinar equipas de clube...

Enquanto o Sr. Dr. Faccó Viana não tomou posse do cargo de secretário geral da Federação, o mesmo foi desempenhado pelo Sr. Dr. António José de Melo.

Para ver o Portugal-França deslocam-se a Paris muitos portugueses.

Jesus Correia marcou um goal formidável no último treino da selecção portuguesa.

O treinador Lippo Herztka tem a opinião de que o Sporting é o grupo que está a fazer melhor futebol, e logo a seguir o Estoril.

CONTA-GOTAS

Quase todos os adeptos da bola julgam-se sábios na matéria, e apresentam remédios para todos os males das suas equipas. Há só uma pessoa que não sabe o que eles sabem: — o treinador do clube!

Talvez que a crítica faça mal em destacar o nome daqueles que marcam os goals. Em boa verdade, um goal não é obra deste ou daquele, mas de todos.

Um jogador que tem injeção de um companheiro, lá por ele ter jogado melhor ou sido mais feliz, não merece o nome de desportista. Os triunfos de um jogador não lhe pertencem, mas sim à equipa.

Jogadores antigos e com responsabilidade manifestaram publicamente a opinião de que os de hoje não sabem parar uma bola. Os antigos esquecem-se das vezes que deixaram escapar a bola dos pés, por não a saberem parar...

Os técnicos guerreiam-se encarniçadamente a propósito de táticas. Apostamos em como, no no fundo, todos estão de acordo...

Técnico é uma palavra que se inventou para algumas pessoas esconderem a sua falta de conhecimentos.

*Leões e
Estorilistas
lutaram
com energia*



Azevedo faz parar muitos avançados quando a bola está nas suas mãos. A sua atenção e segurança dominam...



O habilidoso guarda-redes do Estoril desveta dos pés de Peyroteo, após arrojado mergulho, uma bola perigosa



Um remate forte do Peyroteo — bloqueado excelentemente por Sebastião

O árbitro é um senhor absoluto. Assim deve ser quando sabe executar a lei, quando actua com imparcialidade e competência.

A missão do juiz de campo, sendo difícil, especialmente se é colocado em presença de assistências rigorosas, demasiado dispostas a reclamar por tudo e por nada, e ainda se lhe dão por companhia juizes de linha nada serenos, — é digna de ser apreciada com independência e cuidado.

Isso temos feito sempre, correspondendo às nossas obrigações, tentando melhorar tanto quanto possível a função dos árbitros, corrigindo na medida da nossa capacidade crítica os defeitos de algumas assistências exigentes.

Mas nem sempre pudemos louvar. Bem contra a nossa vontade. Queixam-se clubes, queixam-se jogadores e também se arrepela o público. Algumas atitudes deixam tudo e todos em surpresa, desorientados, deprimidos. Depois de alguns erros graves, ainda por cima surgem consequências, para se cumprir a lei, para se obedecer ao escrito no verso do boletim...

Pelo sistema de arbitragens actual, o juiz de campo desloca-se para o campo do adversário. E então — fica o *team* visitante, quase sempre, à mercê da sensibilidade ou insensibilidade reveladas pelo director da partida. Será isto justo? Podem também os clubes sofrer as consequências da «fraca força de ânimo» de um homem a quem cumpre ser imparcial e observador correcto da lei?

E' preciso ter cuidado e ser justo. E' preciso não ceder às primeiras impressões, porque uma vitória e uma derrota não podem depender dos caprichos de arbitragem. E a carreira de um jogador ou de um clube.

Entendido?



O pontapé de remate foi bem colocado! Nem Sebastião nem Alberto puderam deter a marcha da bola...

JUNIORES

Os juniores lisboetas estão a disputar um campeonato interessante. No último domingo, encontraram-se no Campo Grande as equipas do Benfica B e do Mirautense, e embora o triunfo tivesse pertencido ao primeiro, não deixaram os vencidos de se comportar com galhardia, demonstrando excelentes possibilidades.





Um remate forte de Lourenço é parado na melhor altura por Bapilista. A posição do portuense é correcta

O
Vitoria
 de
SETUBAL
 venceu



Uma boa defesa de Barrigana. Guilhar segue a jogada do seu guarda-rede



A despetto de não haver sofrido «goals», Baptista não esteve parado. Sanfins procura dificultar o seu trabalho



Catolino e Montez lutam para ganhar uma bola alta

NOVAS GERENCIAS

Os clubes portugueses elegeram as suas gerências. O Belenenses também indicou os seus representantes, que já tomaram posse. Apresentamos um aspecto do acto vendo-se o snrs. drs. Octávio de Brito e Constantino Fernandes, presidente actual e cessante, Acácio Rosa e comandante Reis Gonçalves.



NOTA DA SEMANA

O Congresso da União Ciclista Internacional, recentemente celebrado no Luxemburgo, acaba de dar um exemplo magnífico de isenção e justiça, ratificando a homologação de um recorde, mesmo contra pressões de carácter político que não vinham ao caso.

Em Novembro de 1942, o italiano Fausto Coppi realizara em Vigorelli uma tentativa oficial contra o recorde do Mundo da hora sem treinadores. A tentativa foi bem sucedida e o velho «máximo» do francês Archambaud caiu, como tem sucedido a muitos outros recordes.

Todavia, a situação política e militar da Europa, nessa época, impossibilitou que o processo documental, organizado pela Federação Italiana, pudesse ser convenientemente estudado pela União Ciclista Internacional, e só veio a sê-lo em 1946, dez meses depois de restabelecidas as relações entre os referidos organismos.

Durante as sessões de Zurique, em Dezembro último, discutiu-se o assunto e pôs-se em dúvida a honestidade dos dirigentes italianos, afirmando-se que em plena Itália fascista se não olhava a processos para atingir os fins. Apesar de tudo, o recorde foi homologado por maioria.

A imprensa francesa e com ela o próprio Archambaud não se conformaram; em breve surgiu uma reclamação oficial, que o próprio secretário, Victor Breyer, apresentou e foi agora julgada improcedente.

A atitude dos franceses neste caso revela chauvinismo desleal e sem nobreza. Os seus argumentos principais — que a guerra não constituiu motivo de força maior, a impedir o pedido de homologação; e que os delegados italianos eram forçosamente desonestos, por serem fascistas... — careceram de sinceridade e pudor.

Era assim, com a total isenção e independência da U. C. I., que gostaríamos de ver o desporto conduzido em Portugal.

Nada de politiquice reles, de simpatia e amizade, de ódios e despeitos, como de cima para baixo se tem assistido, se observa e se verá.

A bom entendedor...

R. B.

FUTEBOL

O único dirigente com autoridade para suspender ou permitir a realização dos desafios de futebol em Inglaterra, e que tem abusado dos poderes que dispõe, é o Sr. Tempo. A sua política, carrancuda e frígida, mantém suspensos o público, os clubes e os jornalistas. Fala-se, já, com saudade naquelas tardes de sábado, cheias de luz, temperatura e falta de água.

Sirva-nos, ao menos, este facto de consolo.

Dos 44 desafios previstos, ficaram 21 no «tinteiro» e, na Escócia, de 15 disputaram-se apenas 4. Até hoje, o total de jogos adiados vai em 95, no que diz respeito ao Campeonato divisionário da Liga, sendo quase certo que a temporada se estenda para além do dia 10 de Maio.

Esta situação, criada pelo Sr. Mau Tempo, não tem equivalente na historia do futebol inglês. O problema complicadíssimo, que será arranjar datas para

os desafios suspensos, agrava-se com as reclamações apresentadas pelos clubes que saíram ao campo e jogaram sob más condições atmosféricas — e financeiras, porque nesses dias o público compareceu em escassa quantidade.

Um verdadeiro quebra-cabeças!

♦ O Blackburn Rovers empatou com o Derby County (1-1) depois de acabar a primeira parte a ganhar; Blackpool causou surpresa, ao bater o Preston North End (4-0) e o Eberston ao Sunderland (4-2).

A maior derrota foi, porém, a de Chelsea diante do Stoke City (6-1) e todos os tentos se marcaram durante a primeira parte. O Wolves continua na dianteira da classificação, apesar de não ter saído a terreno há quatro semanas.

Nas outras Divisões nada se produziu digno de registo e, agora, aguarde-se o dia 1 de março para conhecer os resultados dos quartos de final da Taça.

BOXE

EM INGLATERRA

A primeira quinzena do corrente mês esteve bastante animada, produzindo-se alguns combates importantes. O mais saliente foi o de Jackie Paterson contra Johnny King, que terminou pela vitória de Paterson por fora-de-combate ao sétimo assalto.

Paterson é detentor dos títulos de campeão de Inglaterra, do Império e do Mundo na categoria «mínimos», sendo-o, também, imperial nos «levíssimos». Por sua vez, King, um dos náufragos do coraçado «Príncipe de Gales», que os japoneses afundaram em Dezembro de 1941, possuía o diploma dos «levíssimos» de Inglaterra e os dois títulos desta categoria estavam em disputa.

King sucumbiu com todas as honras, sofrendo os efeitos da sua veteranía. Apesar de, por vezes, ter esgrimido excelentemente, foi ao solo no quinto assalto e tornou à lona um par de vezes no imediato. O público pediu, então, ao árbitro que suspendesse semelhante match, demonstrando a sua simpatia por King. Sem resultado, aliás.

Talvez influenciado pelo desastre do colega, o velho pugilista Ned Turlton, campeão de Inglaterra e do Império nos «semi-leves», comunicou ao organismo que dirige o boxe profissional que abandonava a actividade. Turlton tem 42 anos e já não pode manter-se em condições favoráveis de suficiente preparação.

O seu gesto é tanto mais digno que recusou seis mil libras de «bolsas», recentemente oferecidas pelo empresário Solomons, argumentando que isso seria defraudar o público.

«O meu valor comercial está muito abaixo dessa quantia» — disse Ned aos jornalistas.

Outro resultado a registar foi a vitória de Cerdan sobre Bert Gilroy, o campeão da Escócia, por K-O ao 4.º assalto.

Cerdan esteve abaixo das suas

possibilidades, falhando muitos socos e encaixando alguns sem necessidade. O seu adversário levava-lhe cinco quilos e pico de vantagem, esgrimindo cautelosamente.

O francês lançou vários sin-gues, facilmente parados com as luvas, mas acabou por atirar o escocês ao solo, quatro vezes, no assalto inicial.

No imediato, Gilroy caiu outra vez, mas soube escapar ao castigo até ao timbre. Durante o 3.º assalto, Cerdan procurou várias ocasiões o golpe definitivo, sem êxito, e só no quarto acabou por adormecer o antagonista.

Marcel parte para Nova York a 28 do corrente, devendo combater um mês depois no Madison Square Garden.

♦ Freddie Mills, campeão inglês e da Grã-Bretanha dos «semi-pesados», continua demonstrando a sua superioridade sobre os continentais. Desta vez coube a sorte ao pugilista italiano Enrico Bertola. O desafio, celebrado no Albert Hall de Londres, findou ao 7.º round por inferioridade do visitante.

EM ESPANHA

Boa semana de boxe profissional, a última desta quinzena. Primeiro, registouse que Juanito Martín, velho rival de García Alvarez, conquistou o campeonato dos «meio-médios» ao vencer por K-O o seu adversário, João Beltran.

Na mesma sessão, Luis de Santiago perdeu por pontos com José Valdés por escassa diferença, em 10 rounds. O vencedor levava cerca de 3 quilos de vantagem.

NOS ESTADOS-UNIDOS

A sensacional vitória de Charlie Fusari sobre o veterano Tippy Larkin, por fora de combate técnico ao nono assalto, coloca-o à cabeça dos melhores pugilistas «semi-médios» actuais.

Uma vitória de Deglane sobre Rigoulot



Uma fase emocionante do desafio de luta livre entre Henri Deglane e Charles Rigoulot — sofrendo uma torção de braço — realizado no Palácio dos Desportos, em Paris, e do qual saiu vencedor por pontos o primeiro nomeado

No jornal valenciano «Deportes», de 10 de Fevereiro, encontramos uma acerbíssima apreciação sobre o problema levantado ante o futebol espanhol pela derrota que lhe infligimos no Jamar e pelas demonstrações técnicas dos argentinos do S. Lorenzo.

O autor, atestando a indiscutível superioridade de acção individual dos argentinos, aponta ainda a necessidade, muito descuidada em Espanha, da preparação física dos jogadores por intermédio de ginástica convenientemente ministrada por professor competente e não em forma de simples exercícios desconexos pelo treinador especializado apenas na arte do futebol. E acrescenta: «Na Argentina, todas as equipas dispõem de um professor de ginástica e, ao contrário da Espanha, ninguém pode exercer essa missão sem possuir diploma oficial correspondente. Isto é lido lógico que nem precisa de comentários, pois um bom aficionado a qualquer desporto ou jogo desportivo poderá desempenhar, com maior ou menor acerto, o cargo de treinador, mas nunca o de professor de ginástica, para o qual existem diplomados com preparação especial; o mesmo seria que virem os curandeiros ocupar as clínicas dos médicos».

Neste aspecto estamos nós bastante mais adiantados do que o país vizinho, pois também em Portugal, pelo menos em teoria, a colaboração do professor de ginástica é elemento obrigatório na preparação dos jogadores dentro de cada clube. Os resultados estão patentes e nada custa admitir que a melhor forma física e mais perfeito adestramento muscular-articular dos praticantes foram os factores que mais con-

Comentários

tribuíram para a subida no rendimento dos grupos — inclusivamente da equipa nacional, — pois permitiram melhor aproveitamento das faculdades individuais e deram estofos para suportar os rigores da tarefa colectiva.

Assim o julga também o jornalista valenciano, que termina o seu artigo dizendo: «Ovi pela rádio os optimismos dos jogadores espanhóis, que, antes do encontro com os portugueses, prometiam a si próprios fácil êxito na luta; entre tanta coisa que afirmaram, chamou em particular a minha atenção, esta: «eles jogarão mais, mas com a nossa inspiração podemos ganhá-los». Suponho que se convenceram depois do seu erro crasso; em futebol e em desporto, como em qualquer ramo de saber, se se quer triunfar, são precisos aperfeiçoamento e melhoria constantes. Para isso, preparação física, domínio de bola... e vida regada».

O conselho é de aplicação universal.

Manual de ginástica

A bibliografia portuguesa da educação física enriqueceu-se com a publicação de uma obra de grande envergadura, que, tanto pela sua amplitude como pela meticulosidade de elaboração, domina o que até à data fora editado em matéria

pedagógica da ginástica ou dos exercícios físicos.

O professor dr. Leal de Oliveira empreendeu um trabalho digno de mais ponderada e profunda análise do que o simples comentário destas escassas linhas. O seu «Manual de Ginástica», oficialmente aprovado — como não podia deixar de ser — pela Direcção Geral de Educação Física e Desportos, é uma obra que dignifica a pedagogia portuguesa e pode aceitar sem desprimor qualquer confronto internacional.

O livro era indispensável na literatura portuguesa da especialidade; a classificação metodológica dos exercícios ginásticos, feita com a maior profundidade pelo professor Leal de Oliveira, a análise competente que a acompanha, são elementos de preciosa aplicação prática cujo valor melhor se aprecia ligado às vantagens de estudo e consulta que a obra faculta a todos os interessados.

Neste «Manual de Ginástica» se encontra o fruto de muitos anos de observação e experiência, que permitiram a elaboração do que poderemos chamar com propriedade o guia interpretativo nacional do método ginástico de Ling. Produto da escola portuguesa, onde o tenente-coronel Leal de Oliveira tem desempenhado, como mestre criador e como técnico orientador, acção influente reconhecida, o novo livro, cuja apresentação é modesta, destina-se a prestar relevan-

tes serviços e vem preencher uma lacuna que prejudicava a eficiência do ensino e da aplicação da ginástica educativa.

Em vésperas de possível reunião em Lisboa do congresso da Federação Internacional de Ginástica Ling, de cujo programa fará parte uma exposição da literatura relativa em todos os países concorrentes, o «Manual de Ginástica» do professor Leal de Oliveira chega no momento próprio para figurar em lugar de honra e demonstrar o alto grau de proficiência e saber dos nossos mestres de educação física.

Mais uma história

As fantasias e exageros em que se espraíram alguns cronistas desportivos após a visita a Portugal da equipa argentina, foram devidamente verberados pela Imprensa portuguesa, que sem hesitações lhes apontou as falsidades e ridículos inventados por alguns correspondentes e enviados de menores escrupulos.

Já aqui nos referimos ao caso, mas à longa série de lamentáveis desconchavos queremos ainda acrescentar o último, da autoria do conhecido cronista do «A B C», Juan Deportista, que de entre aqueles que acompanharam a Lisboa a equipa espanhola foi dos que pior «encaizaram» a deslusão; desilusão tanto maior, quanto podemos afirmar por conhecimento próprio, que ele contava de antemão categoricamente com a vitória dos seus compatriotas. Mas vamos ao ponto que importa.

No jornal de 12 de Fevereiro, o famoso periodista insere uma entrevista com um dos dirigentes argentinos, em cuja boca põe a seguinte declaração:

— «Poi ali, em Santiago de Campo, onde aceitámos o compromisso de honra de empregar o máximo afã para ganhar aos portugueses no Porto e em Lisboa. Sabia-se, em Santiago, que a bola com a qual haviam ganho à Espanha no Estádio Nacional, com as assinaluras de quantos participaram naquele encontro, era exibida como grande troféu. Fizemos a promessa, caso a pusessem em campo para o nosso jogo, de utiliza-la para a mais copiosa derrota da selecção portuguesa. Veja como os nossos rapazes cumpriram a promessa...»

Graças a Juan Deportista, ficámos sabendo que os argentinos vieram a Portugal em cruzada de libertação do destronado prestígio do futebol espanhol.

O brado de guerra não era bem, como outrora, «Santiago e aos Mouros»; mais foi em Santiago que os novos cruzados sul-americanos juraram ir «aos golos» na baliza portuguesa.

HIPISMO

Os primeiros trabalhos de preparação pré-olímpica

Foram iniciados há dias os trabalhos de selecção dos cavaleiros que em 1948 representarão o hipismo português nas Olimpíadas de Londres. Isto equivale a dizer que os Jogos Olímpicos entraram na ordem do dia e que as provas de preparação pré-olímpica começaram a preocupar os organismos directivos desta modalidade desportiva, cónscios da responsabilidade que representa para a nossa cavalaria a comparticipação nos famosos Jogos.

O prestígio alcançado pelos nossos cavaleiros e a posição invejável que conseguimos obter nas Olimpíadas de 1924, 1928 e 1936 exigem um cuidado muito especial na escolha dos conjuntos que para o ano nos representarão em Londres, tanto mais que, pela primeira vez, Portugal concorrerá nas três modalidades — «Taça das Nações» (obstáculos), «Campeonato do Caval de Sela» e «Ensinos».

Há que preparar três equipas distintas, com missões diferentes, mas com as mesmas responsabilidades de representação.

Pelo Ministério da Guerra foi há dias nomeada uma comissão, formada pelos oficiais de cavalaria, general Júlio de Oliveira, coronel Jara de Carvalho e tenente-coronel Ivens Ferraz, comissão esta que foi encarregada de escolher as selecções iniciais (equipas de trabalho), modificá-las, se reconhecer necessidade de o fazer com o decorrer do tempo, e constituir as equipas finais que vão a Londres.

Pela escolha feita pelos três oficiais, verificou-se que a ela presidiu um critério grande e um espírito de justiça que não é demais encarecer.

Para a Taça das Nações, a prova de obstáculos de Jogos Olímpicos, foram escolhidos em princípio seis concurrentes internacionais de comprovados méritos e por eles se distribuíram os cavalos de reserva da equipa nacional, por esta ordem:

Major Hélder Martins («Xerez» e «Optus»); capitães Correia Barento («Raso», «Alcoa» e «Paiolo»), José Carvalhosa («Zuari» e «Tete»), Machado Faria («Sado» e «Vouga»),

Guedes de Campos («Ribamar» e «Bajone») e tenente Henrique Calado («Refused» e «Gaza»).

Além destes cavalos, já conhecidos, cada um dos referidos oficiais receberá mais dois da última remonta de «anglo-árabes».

Para a prova de Campeonato de Caval de Sela foram indicados para formar a equipa de trabalho os capitães Fernando Pais, Pimenta da Gama, Travassos Lopes, Miranda Dias, Furtado Leote, tenentes Fernando Cavaleiro, Rhodes Sérgio, António Seródio, Alves Pereira, Joviano Ramos, Rangel de Almeida, Craveiro Lopes, Cruz Azevedo, Pereira de Almeida e alferes Rodrigo da Silveira.

Finalmente, para a prova de Ensino escolheram-se os capitães Reimão Nogueira, Mena e Silva, Valadas, Travassos Lopes; tenentes Fernando Cavaleiro, António Seródio, Rhodes Sérgio e Rangel de Almeida.

A todos estes oficiais vão ser distribuídos, ainda este mês, dois

(Continua na página 19)

O 2.º do fôrto
União & S.L. ELVAS



Semedo procura uma bola que não se vê. O seu colega da defesa já a deve ter devolvido

Rebello antecipa-se a uma jogada de ataque do Boavista. Oportuno



Galato 1.º domina a bola de mestre a evitar o adversário

Excelente defesa de Barbosa, guarda-rede sanjoanense. O remate de Pereira fôra forte

O FAMALICÃO GANHOU FÓRA de CASA



Uma avançada dos segundos do Minho é interrompida com decisão por Lette

Pires, esforçado famalicense, domina o próprio guarda-rede e marca

A 2.ª DIVISÃO do Campeonato Nacional

A 2.ª Divisão Nacional tem contribuído excelentemente para a valorização do futebol. Muitos grupos da 2.ª Divisão conseguiram já impor-se junto dos mais considerados agrupamentos, e por certo se espera que a competição melhore cada vez mais a classe de cada um. A nossa Revista, prestando homenagem a todos, publicará fotografias dos valorosos concorrentes ao campeonato e à medida que lhe forem enviadas.

Hoje verão os leitores as equipas do Clube Oriental de Lisboa, Sport Clube Vianense, Sport Grupo União Operária, de Santarém, Moura Atlético Clube, de Moura, Águia Sport Clube Vilafranquense, de Vila Franca de Xira, e Boa Esperança Atlético Clube Portimonense, de Portimão. Outras se lhe devem seguir, porque a Stadium não esquece o esforçado labor dos simpáticos grupos.

Associações representadas por estes clubes:

Águia Sport Clube Vilafranquense	A. F. de Santarém
Clube Oriental de Lisboa	A. F. de Lisboa
Moura Atlético Clube	A. F. de Beja
Boa Esperança Atlético Clube Portimonense	A. F. de Faro
Sport Clube Vianense	A. F. de Braga
Sport Clube União Operária	A. F. de Santarém



Águia Sport Clube Vilafranquense



Boa Esperança Atlético Clube Portimonense



Clube Oriental de Lisboa



Sport Clube Vianense



Moura Atlético Clube



Sport Clube União Operária, de Santarém

O combate de LEVI com LAHOSSINE acabou num empate

O pugilista moçambicano ainda possui apreciáveis recursos; os seus fracassos parecem devidos a deficiências de preparação

A reaparição de Levi, depois da derrota sofrida em Dezembro e daquilo que se disse à boca pequena sobre a sua condição física, constituiu um desmentido saliente aos bantos gerados.

O jeito nacional para o invento e o prazer refinado de muitas pessoas em propalar novidades, mormente em consistência, veio a lame denegrir o antigo ídolo, atingindo por tabela os próprios médicos, cuja isenção, competência e manifesta probidade profissionais pairam acima de interesses mesquinhos, na estratosfera da questão.

Ora Levi, pelo que lhe vimos fazer, não é um inutilizado. Perdeu, sem dúvida, o antigo poder, a combatividade incessante e a capacidade de encaixe, que o fizeram o primeiro pugilista nacional e da Península.

Como se apresentou no Coliseu, a 19 do corrente, enlren-

tando um homem que está junto aos melhores pugilistas da categoria «leve» do seu país (segundo ouvi dizer na botica aqui do lado...), tomariam os seus detractores poder imitá-lo, em agilidade e reacções reflexas.

Se Lahoassine, como se alama agora, é um quase-ás, das duas uma: ou lutava inferiorizado ou os pesos «leves» de França roçam pela mediania. E, não se admitindo qualquer destas hipóteses, é fatal concluir pela recuperação do moçambicano.

Seguimos o combate com especial interesse, anotando no fim de cada assalto os pontos de cada um. O português mostrou superioridade no 1.º, 2.º, 4.º, 5.º, 7.º e 9.º, e o seu antagonista alguma aptidão em muitas ocasiões.

Levi foi superior, esquivando com particular brilho muitos ataques e acertando maior número de vezes, de modo certo e contandente. Ben Berek consu-

miu tempo a paxar os celções.

Quanto a nós, a decisão pontual devia ter cabido ao moçambicano, se olharmos somente aquilo que se passou no ring.

Superioridade escassa? Sem dúvida. Em todos os casos, o empate não foi escandaloso e o público recebeu-o com indiferença. Ver a vitória de Lahoassine, só por miopia ou daltonismo.

Antes do *match* de fundo efectuaram-se três combates, dos quais o de Cruz Passos contra Torralba se salientou, graças à classe do espanhol. Passos é um rapaz robusto, mas cheio de defeitos a jogar e o seu adversário transformou-o num bombo. Mercê da coragem, manteve-se de pé e perdeu por pontos uma batalha áspera e consecutiva.

Domingos Figueiredo ganhou merecidamente a Manuel Duarte, em oito longos assaltos, mas achou alguma dificuldade em anular as vantagens físicas do adversário. O número de rounds



Beni Levi (de frente) aguarda o ataque de Berek, ataque que se anuncia visivelmente

foi demasiado para Duarte, dado que ainda é aprendiz.

Em preliminar, Eduardo Alves empatou com Humberto Cruz em 6 assaltos, mas o combate não deixou memória.

As arbitragens, regulares, sobretudo as de José de Araújo e Henrique Fernandes.

Antes de concluir, desejamos frisar que julgamos Beni Levi na posse de apreciáveis recursos físicos. O seu fracasso diante de Guilherme Martins pode atribuir-se, muito, a uma preparação mal conduzida.

O juízo definitivo sobre as possibilidades do antigo campeão, é ainda prematura demais para se fazer.

R. Barradas

PORTUGAL-FRANÇA

(Continuação da página 5)

Fizeram-se duas partes de meia hora, e na segunda entraram Capela, Vasco, Pacheco e Serafim.

O treino não foi desajeitado, embora seja lícito exigir mais dos jogadores. Augusto Silva dirigiu-o com a competência que todos lhe conhecemos.

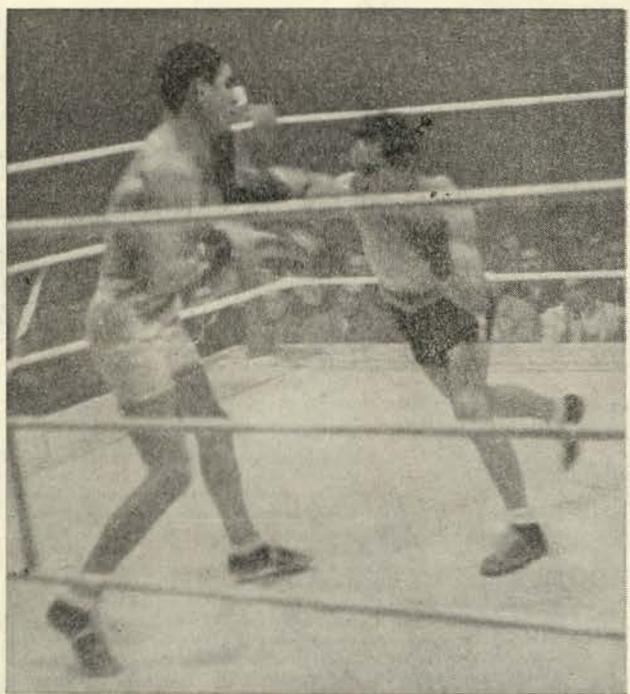
O Estoril Praia teve um começo brilhante, desenvolvendo esquemas de traçado rectilíneo, e batendo com relativa facilidade a defesa portuguesa. Talvez espicaçado por isso, o *team* nacional reagiu e deu-se, por momentos, à luta, com tenacidade, obrigando o adversário a recuar. De aí por diante, a movimentação do Estoril já não teve a clareza do início.

Há jogadores no *team* português que precisam de treinar intensamente. Com outros é preciso ter-se cuidados especiais, mas isso de nada servirá se eles não auxiliarem... Evidentemente, estes treinos não valem como prova decisiva de valor individual. Simples sessões de aperfeiçoamento.

Antes da saída da cabina, dissemos aos jogadores algumas coisas que convinha frisar, no ar amigo e de camaradagem que cultivamos, sem qualquer máscara, mas que é nossa maneira de ser. Traçamos também o regime de treinos, havendo sessões todas as terças, quartas e sextas-feiras, no Estádio Nacional, com a valiosa cooperação do professor de educação física, Luís Adão. Os treinos do conjunto efectuam-se às quartas-feiras. Próximamente contra o Belenenses. É possível que haja, no período derradeiro da preparação e antes da abalada, concentração dos jogadores.

Já estamos lançados, portanto, na terceira prova desta época, uma das mais difíceis, senão a mais difícil que temos de fazer. Os jogadores — bem o sabemos — também avaliam pela sua parte a dificuldade que lhes é posta, vendo na sua devida importância o obstáculo de Paris. Isso deve ser suficiente para actuar no seu espírito e fazê-los viver uma vida saudável e higiénica. E no dia 23 de Março, o *team* de Portugal entrará no Estádio da Colombes cónscio de que vale alguma coisa e resolvido a mostrar que assim é. Precisamos de vencer também lá fora!

T. S.



Beni Levi esquiva a tempo um poderoso ataque de Berek, dirigido em grande estilo ao maxilar do moçambicano



Machado, desvia com oportunidade uma bola que Teixeira da Silva procura



Capela, em Guimarães, defendeu com muita segurança. Sob as vistas de Feliciano, Amaro e Vasco, vê-se o belenense parar uma bola alta



Excelente defesa de Machado, com os punhos. O BeLENenses está ao ataque

O BELENENSES CANHOU EM GUIMARÃES



AS NOVAS INSTALAÇÕES DO SPORTING



O Sporting — finalmente — vai possuir uma sede onde condignamente instalará os seus serviços de secretaria e as suas salas para sócios. É um edifício completo — na rua do Passadiço onde esteve instalado o Club Alemão.

O Sporting viu assim resolvido uma sua grande aspiração. Arrumado o problema do seu campo de jogos, os clubes entram da posse do seu valor. E, se nas instalações que vão possuir podem ter amplas salas onde os sócios saberão melhor estreitar a sua camaradagem, conseguiram um outro benefício, terrenos anexos, pertença do edifício, onde instalarão campos de basquetebol, patinagem e de tennis.

Os terrenos, que com o edifício ocupam uma área de 1.600 metros quadrados, estão já a sofrer os necessários arranjos. Tem aspecto agradável com recantos ajardinados e sua vista sobre a cidade. Esta possibilidade do Sporting poder instalar junto da sua sede localis para a prática de desporto que tem o agrado de muitos dos seus sócios — o basquetebol, o tennis e a patinagem — confirma um interesse geral, corresponde a uma inspiração maravilhosa.

O Sporting luta decidida e dedicadamente pelo bem estar da sua numerosa massa associativa. Mas, evidentemente, e antes de tudo, demonstra o clube dos leões o melhor empenho em progredir no campo desportivo. A sua decisão é digna dos nossos melhores elogios, Nem outra coisa pretende a nossa Revista, sempre pronta a colaborar com as boas iniciativas de todas as colectividades portuguesas.

Nas 4 fotografias que publicamos podem os leitores ver: da esquerda — O prédio da nova sede, marcado com a seta, e dois aspectos do terreno que lhe fica junto e onde serão construídos campos de tennis, basquetebol e patinagem; ao fundo, um aspecto das obras no Estádio do Lumiar

CORONEL JOVIANO LOPES

Foi há dias homenageado nesta cidade o Sr. Coronel Joviano Lopes, distinto oficial do nosso Exército e que tem desempenhado com muito brilhantismo o cargo de Governador Civil do distrito.

Apreciado como desportista, temos também de aplaudir a excelente acção do ilustre homem público. O Sr. Coronel Joviano Lopes tornou-se popular aos adeptos dos exercícios físicos, raras vezes deixando de comparecer nos nossos campos de jogo, ora animando os praticantes, ora servindo com o seu prestígio a própria organização. As colectividades norte-nhas, e especialmente as do distrito, devem ao Sr. Coronel Joviano Lopes uma assistência quase permanente e sempre rodeada pela sua melhor simpatia.

O F. C. Porto, então, interessado em melhorar as suas instalações desportivas, encontrou no Sr. Coronel Joviano Lopes a mais sincera das amizades. Sempre bem recebidos, os dirigentes do popular clube azul-branco fizeram do Sr. Governador Civil embaixador das suas aspirações, e sabe-se que, se mais não conseguiu, foi porque não foi possível.

Por isso a homenagem foi justíssima e a ela nos associamos. Quando o Sr. Coronel Joviano Lopes abandonar a chefia do distrito, deixará justíssimas saudades. Os admiradores das práticas desportivas, milhares de adeptos de todas as categorias sociais, como é corrente, aplaudem sempre carinhosamente quem os estima. E' o caso do Sr. Coronel Joviano Lopes, que apreciamos independentemente de outros predicados que também contribuíram para a sua popularidade.

Valdemar e Artur de Sousa



ARTUR DE SOUSA (Pinga)

Qualquer destes nomes tem o público portuense na mão. O primeiro, mais popular ainda no seu tempo que o próprio Artur, — o jogador de rasgos, o homem da classe à parte. O segundo, que, mesmo jogando mal era bom, seguiu em fama e simpatia o primeiro. Dois ídolos. Ultimamente, embora fora do futebol, vulgares assistentes dos jogos, se esquecermos o Artur de Sousa-treinador, estiveram os dois «internacionais» em foco. Entrevistados, pronunciaram-se tão abertamente e com tamanha paixão pelo futebol do passado, que logo se desenvolveu a crítica amiga do presente, lutando-se então à margem do assunto trazido para público pelos dois rapazes — permitam que lhes chame assim...

Temos sincera pena, entretanto. Em nossa modesta opinião, aliás amiga e serena, Valdemar e Artur poderiam evitar o «acidente». Porque estejam proibidos de dizer público e raso quanto pensam sobre o W. M., por exemplo? Nada disso. Jogadores que tiveram categoria internacional da melhor, ficaram bem ensinar, se fosse possível. Mas ensinar técnicos esclarecidos sobre o sistema, técnicos que o aplicam no campo e nos jornais?

Não — ensinar os rapazes de 14 anos em diante, os infantis que desejamos ver mais bem preparados que os actuais juniores ou seniores. E como discordam e têm possibilidades de ensinar, embora com sacrifício de tempo, seria esta a melhor maneira de justificar a excelência de outro sistema eficaz.

Valdemar Mota e Artur de Sousa, que também seguiram sistemas, fossem quais fossem, têm por certo opinião definida e não lhes custaria demonstrá-lo. Os infantis, sem os defeitos notados

em juniores, alheios ainda a W. M. ou coisas parecidas, poderiam corresponder ao pensamento actual dos dois ases do passado. E' então, à base de prova indiscutível, todos daríamos razão sincera e desapaixonada aos dois grandes jogadores do F. C. do Porto.

Julgamos que o Valdemar e o Artur de Sousa talvez estivessem mais no seu campo de «discussão». Nos jornais, nem tudo é fácil de expor, e, quando menos se espera, está uma pessoa entapada sem apelo nem agravo. O Artur ou o Valdemar talvez estivessem ainda mais à vontade com as bolas calçadas, «brincando» uma ou duas horas por semana, no Campo da Constituição.

Isso desejariamos ver. Isso sim, por ser construtivo, por ser menos exposto. Quando se está em frente de jornalista hábil — o entrevistado diz muitas coisas que não filtra convenientemente, e daí uma série de insucessos aborrecidos. Valdemar e Artur não devem ter necessidade ou disposição para ouvir remoques, sejam de quem for, e talvez o conselho agora dado por pessoa amiga venha a ser mais útil. Todos os molinhos o afirmariam: — Valdemar e Artur, ensinando sistemas mais apropriados e capazes de bater os que no momento se usam (?), desmentiam pura e simplesmente os discordantes...

Assim é que nós queríamos ver vencidos!



VALDEMAR MOTA

TAMBÉM não concordamos com a exposição remediada pelo F. C. Porto ao Senhor Director Geral dos Desportos por causa do assunto Onofre Taveres-Benfica. Compreendemos o desgosto, o aborrecimento do popular clube desta cidade — mas nem tanto ao mar, nem tanto à terra...

De resto, há muitas maneiras de dizer as coisas. E não é insultando que eles se dizem melhor...

O F. C. P. recebeu um reforço, vindo de Luanda. Trata-se do africano Boavide, que nos dizem haver demonstrado excelentes faculdades. É irmão de Boavide, também jogador da reserva portista e aluno da Faculdade de Medicina do Porto, Boavide 2.º alinho na selecção de Luanda e ocupa qualquer lugar da linha avançada. Oxalá corresponda aos desejos dos técnicos do clube e este não deixe de o aproveitar...

VALONGO esteve nas balizas do campeonato do Norte, contra o Sanjoanense, e demonstrou que seria homem para situações difíceis. Deve o F. C. P. apresentá-lo mais vezes. Valongo, vários jogos suplente de Azevedo na equipa nacional, dispõe de muitos recursos, e o seu regresso ao clube azul branco merece recordar-se de vez em quando.

FALHOU por uma «unha negra» um bom resultado do Boavista contra a Académica de Coimbra. Faria melhor que o F. C. Porto, que tem perdido jogos com alguma surpresa. Um bocadinho mais de esforço, e também o F. C. P. estava mais bem colocado.

RECEBEU a A. F. Porto um convite para fazer deslocar a sua equipa à Holanda. O caso tem sido estudado, mas não parece ter muita viabilidade esta viagem.

E' dadas? Só aproveitando a saída do nosso grupo nacional para Paris e Dublin. Mas faltarão, nesse caso, Araújo, e, possivelmente, Cejudo...

CONTINUA o Académico a dar boa conta de si no campeonato da 2.ª Divisão. A equipa revela boa vontade, valor apreciável, e não nos repugna supor que venha a conseguir a vitória na zona norte-nha. Depois — ainda não seria das mais fracas. Oxalá.

DESEJARIAMOS fazer um desmentido, mas não vale a pena. Preferimos continuar na obscuridade, servindo o Porto nesta página, sem expor nomes ou exibir qualidades individuais. Interesse apenas aos desportistas encontrar nestas colunas um pouco de doutrina, algumas notícias que valorizem o desporto portuense e nacional. Pôr o nome por baixo — para quê? O plor de ludo: «colocar-se o ramo numa loja e vender-se o vinho no outro...»

Mas nem assim faremos ainda a vontade a alguns dos nossos amigos. Contentem-se com esta referência: — o responsável por esta página nome café na «Brasileira», mas na parte menos «revoltosa», frequentava quando era preciso o «Magésica» e o «Chave de Ouro», e também toma o seu chá-zito no 1.º andar do S. João Cine...

O lugar de médio-centro

no actual sistema da equipa nacional obriga a cuidados especiais

LONDRES, Fevereiro de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Vamos, portanto, ao papel do médio-esquerdo numa equipa que jogue no estilo de selecção nacional português. Tentamos, o mais possível, tirar a ideia de que o W. M. obriga a uma vigilância excessiva, uma daquelas vigilâncias que obrigam os jogadores a «viver» os 90 minutos encostados ao perceiro, sem outra função que não seja a de «smager» o jogo e o jogador. Ora, em boa verdade, não é assim. Já falámos do defesa-direito — médio-direito, do defesa-esquerdo — médio-centro, cujo trabalho deve ser ligado e inteligente, e agora nos fica o médio-esquerdo sujeito a cuidados observações.

O médio-esquerdo, no estilo da selecção nacional portuguesa, é a unidade mais desamparada do grupo, e por isso deve ser ágil, forte, com instinto de «marcação» e «desmarcação», tendo «cabec» e dois pés. Claro — sendo possível.

HIPISMO

(Continuação da página 13)

cavalos «anglo-árabes», e a alguns deles três, para que comecem imediatamente os trabalhos.

Verifica-se, pelo que fica dito, que foi escolhida a «élite» da nossa cavalaria e que a última remonta, — por certa a melhor de quantas se têm feito e que se deve à boa vontade do sr. coronel Gomes de Araújo, hoje ministro das Comunicações, mas ao tempo sub-secretário de Estado da Guerra, deve desempenhar um papel preponderante na nossa representação olímpica.

Os 106 cavalos adquiridos no sul da França pelo tenente-coronel Ivens Ferraz serão animais de categoria, de cujo valor dentro em breve se poderá dar conta e a distribuição a fazer terá em vista a modalidade a que se destinam.

Foram também adquiridos ao criador Faustino da Gama, das Caldas da Rainha, três cavalos que os técnicos apontam como magníficos exemplares da raça nacional e que se destinam, segundo julgamos, à prova de «Ensin».

Todos estes oficiais vão trabalhar afinadamente, contribuindo assim com os seus conhecimentos e com a sua boa vontade para alimentar a esperança de garantirem lugar na equipa olímpica.

Como se sabe, as equipas a formar são de quatro cavaleiros (1 de reserva) e todos eles terão o maior empenho em garantir a posse de tão desejados lugares. O juri de selecção se encarregará de ir apreciando o desempenho dos trabalhos para bem desempenhar a missão difícil e ingrata de escolher os melhores, tanto mais difícil e tanto mais ingrata se os valores se aproximarem e os nomes se confundirem.

Antas Teixeira

Para ajudar o médio-esquerdo, precisa o grupo de possuir um interior igualmente rápido e capaz de compreender o sistema. A «pedra» que mais ajuda, e que está sempre disposta a transportar-se de trás para a frente.

É ingrato, neste caso, o papel de um médio que «marca» o extremo, e dele se exigem qualidades especiais. O W. M. não deixa ficar «parado» o médio-esquerdo. Nem o deixa fixar-se e releguarda do extremo-direito, visto que se o fizer terá na sua frente, quando não conta com interior disposto a «sacrifícios», — uma larga extensão de terreno onde só manobram adversários, obrigando o seu médio-centro a desculdos falais.

Em nosso entender, o sistema é bom, tem sido útil ao futebol inglês, mas há necessidade de o compreender e executar inteligentemente. O jogo de W. M. não é bem o «jogo de pares», como erradamente se pensa em vários sectores. Quantas vezes não é assim?

Se o médio-esquerdo português é bom (falamos em generalidades, apelando-se a crítica na composição do grupo nacional), já se rompe o sistema, e mais se os restantes homens de defesa sabem dar o «pesso em frente». O médio-esquerdo, deixando o extremo-direito contrário para trás, ajuda a colocar todos «fora do jogo» ou pelo menos o elemento que está a vigiar.

Julgamos que a discussão cuidadosa e serena pode ser utilíssima, mas deve o pensamento de uns e outros ser guiado por um único objectivo: — contribuir para a melhoria do futebol de todos os sectores. Se formos a condenar ou a aplaudir por sistema, nada se conseguirá de proveitoso. E daremos até uma ideia de reproável desorientação. Desorientação que os bons resultados do nosso futebol não justificam.

No fundo, o que nos parece digno de campanha é a ideia de valorizar individualmente os nossos jogadores. Se cada um trabalhar cuidadosamente, olhando pelo seu forma dia e dia, todos os sistemas serão facilmente assimilados.

A vitória argentina deve ter sido conquistada à custa da boa categoria individual dos seus componentes. Os ingleses, dentro dos sistemas, são perfeitos. E são perfeitos por via do seu apuro individual, da sua inteligência na execução.

Mas nós não desejamos voltar ao assunto, que se está tornando melindroso. Quisemos apenas dizer que ao médio-esquerdo da equipa nacional, dentro do W. M., está destinado um papel utilíssimo importante. É preciso ser ágil, bom dominador da bola — e «seir» com rapidez de trás para a frente. Não deve esquecer-se, seja qual for a circunstância, de que é «médio» e não «defesa». A sua posição estranha não o coloca, por si só, noutra lugar.

Compreendido?

F. M.

O S. L. BENFICA

ganhou com brilhantismo o 15.º Campeonato de Lisboa

O 15.º Campeonato lisboeta de ténis de mesa pode considerar-se concluído, porquanto estão apurados os vencedores das três Divisões mais importantes.

É, portanto, já oportuno dispensar alguns comentários à mais importante prova da modalidade que se efectua em Portugal.

Deve dizer-se, em primeiro lugar, que a 15.ª «edição» do certame não forneceu qualquer indicação que revele progresso da modalidade, quer em qualidade, quer em quantidade. Ficou-se muito aquém do «record» do número de clubes interessados no campeonato, embora se mantivesse a média de concorrentes dos últimos anos. E, no segundo aspecto, não surgiu qualquer revelação nem foram acentuados os progressos dos mais esperançosos jogadores.

Quer dizer: os elementos mais em evidência em 1945-46 foram — regra geral — os que mais se salientaram em 1946-47.

O «panorama» actual do ténis de mesa lisboeta não é, por isso, animador. O facto poderia passar despercebido se fosse novidade da presente temporada. Mas o pior é que já nos últimos anos ele se verificou.

A regularidade do campeonato não foi das melhores. E se devemos louvar a A. T. M. L. pela decisão firme de fazer cumprir as disposições do regulamento no tocante a entrega de boletins, não podemos deixar de lamentar que consentisse em tão elevada percentagem a alteração de datas dos encontros (anulções e adiamentos) — mais notória nas Divisões inferiores.

Quanto ao problema das arbitragens, nada se adiantou.

Superioridade Incontestável do Benfica

O Campeonato da Divisão de Honra foi disputado pelos seguintes clubes: Benfica (30 pontos), Sporting e Combatentes (24), Matadouro (16), Belenenses (15) e Técnico (10).

A vitória dos «encarnados» não sofre contestação: 10 encontros, 10 vitórias, 30 pontos. Estas simples referências constituem o melhor elogio que se pode dispensar aos benfiquistas. Não se poderia exigir mais, nem melhor. Oliveira Ramos e Francisco Campos foram os principais artífices da vitória; a equipa lutou sempre com a falta de um terceiro jogador e por isso se compreende que tivessem sido utilizados mais sete elementos — circunstância que para nós não representa a melhor orientação e que pôde, até certo ponto, ter contribuído para um campeonato menos brilhante do que o

anterior (4 títulos em 1945-46 e 2 em 1946-47).

O Sporting firmou-se em segundo lugar, com toda a justiça. Perdeu os dois encontros com o Benfica e um com «Os Combatentes», ganhando a este clube duas vezes — a segunda no desempate. Carlos Felo salientou-se entre os vários companheiros que teve, sendo de longe o melhor «leão». Gago da Silva foi sempre muito ágil e campria; dos restantes sportingistas, nenhum teve talento para se firmar na equipa principal. Em contrapartida, apresentou Sporting uma boa 2.ª categoria.

«Os Combatentes» foi bom terceiro, dispondo da equipa mais homogênea da Divisão, mas com a contrariedade de não se apresentar na sua melhor forma nem dos componentes. Crise ou declínio?

Matadouro, Belenenses e Técnico ficaram a grande distância dos três primeiros. A diferença de pontuação condiz em a diferença de valor das equipas. No entanto, os «cazais» desiludiram um tanto e os matadourenses excederam as previsões.

O Técnico foi último. Não podia ter feito menos pontos. A representação dos laturos engenheiros destoa totalmente. É a quantidade de faltas de comparecência nas categorias inferiores?

Presentem-se dedicação e esforços dos dirigentes mal correspondidos pelos jogadores. E dentre estes, os que sentem o peso das responsabilidades são forçados a desanimar. Nestas condições não seria preferível a A. D. do I. S. Técnico abandonar as provas da A. T. M. L., limitar a sua actividade às competições escolares e deixar os seus jogadores «livres» para nos clubes da sua «classe» tentarem progressos?

Nas categorias inferiores os títulos foram atribuídos ao Sporting (em 2.ª e 3.ª) e ao Benfica (em 4.ª).

A vitória dos «leões», em 2.ª, tem tanto de valorosa como a dos «encarnados», em 1.ª. E isto diz tudo. A de 3.ª foi facilitada pelo mau final de prova dos benfiquistas, pois quando toda a gente previa um desempate entre os velhos rivais, via-se os «encarnados» colocarem os «leões» à frente da classificação.

Em quartas houve desempate entre o Benfica e o Sporting. Na «final», Mário Santos II e Mário Barata apareceram a jogar. Se a sua presença é agradável como demonstração de dedicação clubista, não deixa de entristecer como reflexo da crise de novos jogadores.

Diamantino Dias

(No próximo número os campeonatos da I e II Divisões).

OS CAMPEÕES ALGARVIOS
VENCERAM
OS ALCANTARENSES



Abraão, guarda-rede oihanense, defende-se com segurança de um ataque alcantarense



Correia é guarda-rede seguro. Tem a bola bem presa e desviar-se-á de um ataque oihanense



Nova defesa apertada do guarda-rede atlético



A perna de Cabrita está presa por Correia. Baptista, entretanto, cumpre com o seu dever!